

Izabel Sadalla Grispino*

Conscientizar é o ponto de partida para o amadurecimento do bom comportamento. Conscientizar através do diálogo, através de situações montadas.

Uma pesquisa realizada pelo Ibope, a pedido da Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenep), com pais de alunos de classes A e B, em oito regiões metropolitanas, com filhos entre 7 e 17 anos, chegou a conclusões curiosas. Foram entrevistados, em dezembro de 2005, cerca de 1.000 pais. 90% disseram estar satisfeitos com as escolas particulares escolhidas. Ressaltaram a qualidade de ensino (41%), a localização das escolas (23%), a proposta pedagógica (18%), como razões pelas quais optaram pela rede particular.

Os casais, ao serem questionados sobre quais seriam os valores para uma boa escola, ressaltaram a liberdade, a justiça e o diálogo. Poucos valorizaram o fator disciplina, desprezando a disciplina rígida e apenas 12% citaram religião. As respostas ficaram assim distribuídas: diálogo, liberdade, 34%; justiça, cidadania, 34%; compromisso social, 32%; avaliação permanente, 29%; criatividade, 23%; disciplina rígida, 19 %; religião, 12%; trabalho, 9%; e participação política, 4%.

A rejeição por disciplina rígida é compreensível, mas nunca pela disciplina em si. A disciplina rígida pode tolher a liberdade de expressão, chegar às vias das práticas autoritárias, prejudicial à aprendizagem e à personalidade. Contudo, a forma disciplinar de se colocar em tudo na vida é indispensável para a busca do equilíbrio. É a disciplina que leva à autodisciplina, à autonomia intelectual, fatores considerados, hoje, tão importantes ou mais, para o desenvolvimento cognitivo, que o próprio ambiente cultural do aluno. A disciplina é um parâmetro forte para se exercer a liberdade, valor tão priorizado pelos pais, não a deixando cair no liberalismo, onde tudo é permitido. Os pais deveriam ter feito uma distinção entre disciplina e disciplina rígida.

O que a escola precisa ficar atenta é com a utilização do saber como fonte de poder: o professor detém o poder porque é aquele que sabe, o aluno, aquele que não sabe. O saber,

embora tenha o seu peso, não pode ser determinante do poder. O poder não pode estar monopolizado, restrito a uma pessoa ou a um grupo de pessoas, mas estender-se a todos, um poder compartilhado, do aluno para o professor, do aluno para a escola, onde todos devem ter voz e vez. Um poder que ressurgue do grupo, nunca imposto de cima para baixo. Isso, desde a colocação de procedimentos disciplinares, dos limites, os quais deverão ser elaborados, analisados com os alunos, antes de serem adotados.

Outro valor valorizado pelos pais, com acerto, foi o diálogo, valor essencial a qualquer tipo de educação. O diálogo também deve ser desenvolvido num ambiente onde haja cumprimento de normas, de regras definidas, para convergir em respeito mútuo.

A opção hoje não é pela disciplina do silêncio, mas pela disciplina do diálogo, que conscientiza e, por isso mesmo, favorece o compromisso, a cumplicidade, a vontade de acertar. Desemboca na educação libertadora, que faz do aluno o agente e o centro da aprendizagem, formando um aluno crítico, participando da transformação da sociedade.

O que causou estranheza foi a baixa porcentagem de pais que valorizaram o ensino religioso. É indispensável ensinar a ética, a moral e outros valores de sobeja importância à vida. Valorizaram a justiça, a cidadania, o compromisso social, mas relegaram a um plano menor os valores da fé, que tanto sustentaram e sustentam as civilizações humanas. A religião desenvolve no aluno os sentidos de solidariedade, de fraternidade, de justiça, que tanto faltam aos dias de hoje. São esses sentimentos que conduzem a um plano superior da existência humana, que falam de valores eternos, como o amor, a bondade, a compreensão, e que levam à paz. A religiosidade traz um aprimoramento pessoal, acarretando o aprimoramento social.

Não deveriam os pais refletir melhor sobre esse posicionamento?

Liberdade e diálogo ressaltados por eles são realmente muito importantes, mas sempre dentro de um equacionamento, de princípios a serem desenvolvidos e praticados. A organização da escola, as normas educacionais, os métodos de trabalho, devem sempre resultar da parceria de regras, no estabelecimento de uma co-realização. O trabalho individual, hoje, cede espaço ao trabalho conjugado, cada vez mais explorado, traduzido em responsabilidades mútuas. Não é mais o sucesso de um, é o sucesso de todo o grupo. Aprende-se o sentido de compromisso, o sentido de interligação, de intercâmbio, entendendo que a vitória é resultado do conjunto.

É, pois, num ambiente de mútua interação que se trabalham valores como liberdade, diálogo, justiça, tão preconizados pelos pais. Semear sem preparo, sem responsabilidade e critério é semear inutilmente, é jogar semente em solo árido, sem preparar a terra.

*** Supervisora de ensino aposentada.** □□ □□□ □
(Publicado em abril/2006)